

Um *de* nós
foi feliz

Copyright © 2022 por
Paulo Stucchi

Todos os direitos desta publicação reservados à Maquinaria Sankto Editora e Distribuidora LTDA. Este livro segue o Novo Acordo Ortográfico de 1990.

É vedada a reprodução total ou parcial desta obra sem a prévia autorização, salvo como referência de pesquisa ou citação acompanhada da respectiva indicação. A violação dos direitos autorais é crime estabelecido na Lei n.9.610/98 e punido pelo artigo 194 do Código Penal.

Este texto é de responsabilidade do autor e não reflete necessariamente a opinião da Maquinaria Sankto Editora e Distribuidora LTDA.

Diretor Executivo

Guther Faggion

Diretor de Operações

Jardel Nascimento

Diretor Financeiro

Nilson Roberto da Silva

Editora Executiva

Renata Sturm

Editora

Gabriela Castro

Direção de Arte

Rafael Bersi, Matheus Costa

Revisão

Clara Kok

Carol Amaral (Caduá Editorial)

Vanessa Nagayoshi

DADOS INTERNACIONAIS DE CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO (CIP)
ANGÉLICA ILACQUA – CRB-8/7057

STUCCHI, Paulo

Um de nós foi feliz / Paulo Stuchi.

São Paulo : Maquinaria Sankto Editora e Distribuidora LTDA, 2022.

352p.

ISBN 978-65-88370-35-3

1. Ficção brasileira I. Título
21-5614

CDD-B869

ÍNDICE PARA CATÁLOGO SISTEMÁTICO:

1. Ficção brasileira

maquinaria
EDITORIAL

R. Leonardo Nunes, 194 – Vila Clementino

São Paulo – SP – CEP: 04039-010

www.mqnr.com.br

PAULO STUCCHI

Um *de* nós
foi feliz

maquinaria
EDITORIAL

A todos aqueles que colaboraram com a pesquisa para a criação do fundo histórico e dados pessoais para que *Um de nós foi feliz* se tornasse realidade.

A Tania Girke Volkart e Vitor Volkart, que com tanto carinho me receberam, dispostos a compartilhar uma história tão linda.

A Renata Sturm, da Maquinaria Editorial, por confiar-me este projeto.

A meu filho, eterna fonte de inspiração.

A meus pais, com saudade eterna.

“Cada qual sabe amar a seu modo; o modo, pouco importa; o essencial é que saiba amar.”

MACHADO DE ASSIS

CAPÍTULO 1

Seguir vivendo nunca fora seu maior problema; a principal questão, que lhe pesava sobre os ombros e lhe consumia o espírito, havia sido *como* continuar.

Ser forte não era uma opção para muita gente — tampouco havia sido para ela. Manter os pés no chão e os olhos presos em um futuro possível foi o maior legado que sua mãe, Katrina, deixara. Demorara anos para que compreendesse a dureza com que a mãe conduzira a sua educação e a de seus irmãos. Contudo, finalmente entendera que as cruezas da vida não forjam pessoas fracas — pelo contrário, a fraqueza leva sempre à morte ou a destinos até piores. Um espírito forte e mãos firmes são talhados pelas agruras, e a vida da mãe fora repleta delas.

Pensar sobre isso tornava o *Kaffeemit Milch* na xícara à sua frente mais amargo e indigesto. O selo estampado nas peças de porcelana brancas com detalhes em laranja indicava que haviam sido produzidas em Meissen. Sem dúvida, uma grife quando se tratava de peças como aquelas.

Nunca tiveram dinheiro para ter peças assim em casa, mas não faltavam histórias contadas pela mãe acerca da cidade próxima a Dresden que se tornara a Meca da porcelana no Ocidente. Segundo a mãe, o pai dela, então comerciante em Hamburgo, havia se dedicado por um tempo ao comércio de porcelanas e outras peças menos nobres feitas em vidro e cerâmica. Daí, o conhecimento herdado sobre a dinastia germânica nesse ramo.

Graças aos alemães de Meissen, a mãe dizia, a técnica chinesa de fabricação do ouro branco¹ havia sido decifrada e, desde então, a cidade cultivara fama.

Ergueu os ombros e se viu rindo sozinha.

Nada daquilo importava, afinal. A mãe nunca tocara os lábios em uma porcelana de Meissen — algo que há muito tempo tinha deixado de ser um luxo.

Levou a xícara à boca e bebericou um gole. Olhou para o folhado recheado com geleia de amora, mas estava sem apetite. Todo o espaço livre em seu estômago estava consumido pela ansiedade.

Ainda que grande parte das histórias sobre a Alemanha e seus antepassados lhe tivesse sido transmitida pela mãe, não foi por ela que cruzara o Atlântico. Sentada na pequena e aconchegante cozinha da pousada e observando os transeuntes através da janela (escolhera propositalmente uma mesa que lhe permitisse observar a rua), foi dominada por uma sensação familiar e dolorosa, à qual se habituara há mais de trinta anos.

Manter os pés no chão e os olhos presos em um futuro possível.

Como havia sido difícil seguir aquele ensinamento. Mesmo porque, sabia, a própria mãe acabara vítima do rigor de ferro que forjara sua família.

Ela não seguiu em frente. Nem eu.

Todavia, estava na hora de dar o passo determinante. Aquele que conduz adiante; que, ainda que pequeno, faz uma grande diferença.

Terminou o café. Um senhor, parado junto ao ponto de ônibus, ocupava-se lendo o jornal.

Abriu a bolsa, deixada na cadeira vaga ao seu lado, e dela tirou a carta dobrada de dentro de um envelope. Abriu o conteúdo e leu; em seguida, releu. Perdera a conta de quantas vezes seus olhos deslizaram por aquelas palavras, escritas em papel timbrado.

1. Modo como a porcelana era conhecida na Europa no século XVIII.

Dobrou e voltou a guardar. Antes, certificou-se do endereço escrito à mão, em esferográfica azul. O endereço que a conduziria ao seu passado e abriria os caminhos para seu futuro.

Não viajara à Alemanha pela mãe, apesar de as lembranças ainda morarem em seu peito. O fizera por outra razão; pelo homem que nunca conhecera de fato.

Uma sombra. Uma sombra que me acompanha desde a meninice.

Empurrou a cadeira e se levantou. Estava pronta. Conferiu o relógio de pulso e jogou a alça da bolsa sobre os ombros.

Pela primeira vez, preciso olhar essa sombra nos olhos.

Cruzou a cozinha e desejou um discreto *ausgezeichneten Tag*² à simpática mocinha encarregada de servir o desjejum. A garota loira com os cabelos presos em um pequeno rabo de cavalo lhe retribuiu com um sorriso.

Com passos firmes, chegou à rua. Não havia mais retorno. Ainda que a *sombra* ainda estivesse com ela (estava tão certa disso quanto do ar que entrava em seus pulmões e a mantinha viva), não era possível voltar.

A cada passo dado, aproximava-se mais e mais do homem que sempre lhe fora um mistério.

Dein Vater. Seu pai.

2. Excelente dia.

CAPÍTULO 2

Não havia completado nem vinte e quatro horas desde que Susana chegara a Marburg — após um trajeto exaustivo que incluiu um voo de quase doze horas até Frankfurt e o percurso de oitenta quilômetros no trem da DB,³ que partiu da estação central até Marburg, no vale do rio Lahn.

Quando comunicou ao marido, Artur, e aos filhos que pretendia realizar a viagem, foi taxada como louca. Nunca havia saído do Rio Grande do Sul — suas principais aventuras em termos de viagens incluíam percursos menos ousados a cidades ao redor de Três Coroas, onde se estabelecera e constituíra família. Por isso, comunicar que viajaria para a Alemanha no auge dos seus sessenta anos foi motivo de espanto — como esperado — para todos.

Ela se lembrava da expressão do marido quando lhe deu a notícia. Artur deteve o movimento, sustentando a xícara de café com leite no ar, e arregalou os olhos em sua direção.

— Tu está de brincadeira, não está? Alemanha? Tu nunca saiu do estado!

— Isso será um desafio a mais — disse, olhando para o café de sua própria xícara.

Não sabia por que, mas não conseguia olhar diretamente para Artur. De algum modo, depois de todo aquele tempo matutando a ideia de cruzar

3. Companhia ferroviária alemã Deutsche Bahn.

o Atlântico em busca de seu passado, sentia como se estivesse cometendo algum tipo de traição.

Pensara, planejara, se preparara. Tudo sem dizer nada ao marido, que sempre fora bom com ela, que se dedicara à esposa e aos filhos como poucos homens que conhecia.

De fato, viajar para a Alemanha fora uma decisão que nascera em seu íntimo assim que Katrina morrera, há nove anos. Agora, em 2013, era o momento de realizar a empreitada — tivera quase uma década para amadurecer e colher a semente que sua mãe lhe plantara nos últimos anos de vida.

— Mas acho que dou conta. *Preciso* ir — prosseguiu, ainda sem encará-lo.

Artur abandonou a xícara e cortou um pedaço de pão. Estava pensativo. Conhecendo o marido, aquele assunto o encheria de preocupação e, certamente, consumiria seu pensamento ao longo do dia de trabalho.

— Estou pensando em pedir para Juliana me ajudar a pesquisar um pouco sobre Marburg na internet. Ela sabe bem mexer com essas coisas.

— E o que acha que Juliana vai te dizer? Que concorda? Acho que ela vai te achar doida.

Susana deu de ombros.

— Quando explicar o porquê da viagem, acho que ela vai entender; assim como eu gostaria que tu entendesse.

Artur suspirou. Depois de passar a mão pelos cabelos grisalhos e levemente encaracolados, segurou a mão da esposa.

Após uma dura relutância, prontificou-se a ir com ela.

— Não. Desculpe. Não é que não queria tua companhia, não é isso, mas é algo que tenho que encarar sozinha — respondeu-lhe.

Sabendo que não ganharia aquela queda de braço, mas ainda assustado com a notícia, Artur sorriu timidamente e, rendido, disse:

— Sabe que me preocupo e te apoio. Também sei o quanto essa história representa para ti e o quanto tua infância foi difícil, mas ainda acho doideira.

Artur não deixava de estar certo. Era maluquice. Ainda assim, seguir os passos de seu pai até a Alemanha e, finalmente, descobrir quem fora aquele homem cujo rosto, aos poucos, tornara-se apenas uma dolorida lembrança era algo que precisava fazer sozinha. Dar um fim a uma história que havia começado muito antes de Artur e os filhos existirem em sua vida, e que, portanto, significava seguir em um caminho solitário, íntimo.

Ao final, Artur não pôde detê-la. Nunca pôde. Tampouco os filhos. Ele era um marido e companheiro admirável, que lhe dera a família que ela nunca tivera. Mais do que isso: dera-lhe três filhos dos quais se orgulhava e a quem criara em moldes bem diferentes de que ela própria o fora.

Sempre pensou na família como uma espécie de redenção. Redenção à crueza da mãe, à infância difícil, às dores que se acumularam. No entanto, havia mais do que isso. Nem mesmo a família que criara com Artur, a empresa do ramo de janelas e esquadrias em madeira que ergueram juntos e a felicidade simples que compartilhavam lhe bastavam para aplacar a dor e fazer a *sombra* sumir em definitivo.

Assim, aquela era uma viagem mais do que necessária. Era vital.

Saltou do ônibus a alguns quarteirões do endereço escrito no papel. Observou ao seu redor; era fácil se apaixonar por Marburg, uma cidade medieval, um dos orgulhos do luteranismo na Alemanha. Teria tempo de explorar os meandros da cidade, pensou. Naquele momento, o mais importante era seguir dando passos firmes e decididos, que a conduziriam àquilo que, de fato, viera fazer.

Wiesenberg 4A, 35037. A cidade antiga de ruas tortuosas traçadas em aclave a abraçou, enquanto seguia pela rua em direção ao *Friedhof Ockershausen* — o cemitério de Marburg. O outono já se despedia e o frio

ameaçava castigar a Alemanha com mais um inverno rigoroso. Cruzou os braços, fechando a blusa preta de lã grossa ao redor de si.

Era manhã, o dia já começara, mas as ruas estavam tranquilas.

Ela viria mesmo?, pensou consigo.

Por poucos segundos, julgou ser tudo aquilo uma loucura. Entretanto, qual parte de sua vida não o fora? Sim, talvez a parte em que conhecera Artur enquanto cursava Contabilidade no Colégio Nacional de Estudos da Comunidade e se apaixonara pelo colega de sorriso fácil e jeito simpático que sempre lhe pedia ajuda com o português. Em pouco tempo, deixara de ser Susana Schunk para se tornar Susana Huber. Então, vieram família e filhos. E, claro, muito trabalho.

A dúvida sonsa se dissipou no mesmo instante em que seu olhar cruzou com o de uma mulher que a observava. Usava gorro de lã e sobretudo escuro, e tinha um físico mais robusto do que ela. Também era mais baixa e mantinha os olhos cobertos por óculos escuros de lentes grossas.

Teve certeza. *É ela.*

A mulher de óculos escuros lhe escancarou um sorriso convidativo. Parecia tê-la reconhecido, talvez pelo fato de se comportar como um corpo estranho naquele lugar que pertencera a seus antepassados, mas nunca a ela.

— Mia? — arriscou, dirigindo-se à mulher.

O sorriso se tornou ainda mais largo. Retirou os óculos escuros e dirigiu-se a ela em alemão:

— Susana?

O abraço que se esboçara acabou por se limitar a um aperto de mãos contido. Finalmente, lá estava ela. A pessoa por quem procurara por anos. Parte de sua história, ainda que ambas desconhecessem por completo qual *parte* seria.

Lá estava ela. Mia Richter, filha de Patrizia Richter — ou Patrizia Finkler, seu nome de solteira. A mulher de seus pesadelos e de seus sonhos.



Passaram pelo portão que dava acesso ao interior do cemitério ladeado de grades baixas, margeadas pela vegetação seca, combalida pelo frio que se avolumava. Mia parecia ainda mais receptiva do que fora ao telefone — a simpatia com que a filha de Patrizia a tratara desde a primeira ligação que fizera dois anos antes surpreendera Susana, mas, naquele momento, era como se ambas tivessem algum tipo de cumplicidade silenciosa.

A forma desenvolta com que Mia a recebera e se dirigira a ela parecia indicar que, de algum modo, o contato e o encontro de ambas já eram esperados.

As primeiras frases foram de uma cordialidade contida.

— Fez boa viagem? O que está achando da cidade? — perguntara.

Susana respondera de modo conciso, enquanto sua mente sondava o que realmente poderia ser encontrado sob aquela camada de receptividade.

Ao telefone, nas vezes em que se falaram, Mia Richter havia se mostrado preocupada em saber mais sobre Susana e sua vida no Brasil. Obviamente, perguntara por sua mãe, Katrina, e mostrara-se honestamente sensibilizada quando Susana lhe informara que ela havia morrido.

— Ela tinha noventa e seis anos. É o curso natural da vida — Susana completara, na tentativa de minimizar a partida da mãe. Contudo, na realidade, a morte nunca era algo tão simples. Pelo contrário, era uma dor impossível de ser minimizada; sempre faltava alguma palavra a ser dita, um perdão que viera tarde demais, uma palavra de afeto tardio que ficara travada na garganta.

Era inegável que seu peito acumulava mágoas da mãe. E, naquele instante, frente a frente com Mia, questionava-se que tipo de mãe Patrizia

havia sido para ela. Tinham quase a mesma idade — Mia era seis anos mais velha —, mas eram diferentes em tudo: na aparência, nas origens e, principalmente, na forma como pareciam encarar a vida.

Após as cordialidades iniciais, finalmente Mia induzira Susana a entrar no cemitério. Então, cruzaram juntas o portão e caminharam alguns minutos em silêncio. O local era lindo — tão lindo quanto fosse possível um lugar cujo objetivo era armazenar dores e saudades.

— No verão, fica mais agradável — observou Mia, percorrendo os olhos pela vegetação. — Mas estamos quase no inverno, tudo fica mais cinza.

Cinza é uma cor para a morte, pensou Susana, limitando-se apenas a assentir.

— Você fez uma grande viagem do Brasil para cá. Deve estar ansiosa para ver como as coisas são por aqui — seguiu Mia, conduzindo Susana pelo caminho de pedra que cortava o gramado no qual as lápides se erguiam.

Algumas pareciam bem cuidadas; outras, no entanto, mostravam-se mergulhadas no esquecimento.

— Venho aqui sempre que posso — disse Mia, tomando o caminho à direita. Ali, algumas árvores uniam-se ao gramado, fazendo com que a sombra se deitasse sobre ambas.

— Obrigada por cuidar do túmulo *dele* também — disse Susana.

— Deles — corrigiu Mia. — Estão juntos.

— Eu sei.

Mia Richter apontou o dedo indicador alguns metros adiante.

— É ali.

Como deveria se sentir? Feliz? Angustiada? Triste?

Susana não conseguia descrever o turbilhão de sentimentos que eclodiam em seu peito. De repente, desejou que Artur estivesse ali; ele, com seu humor e seu jeito desleixado de cuidar dela, certamente lhe ofereceria conforto. Talvez até a fizesse rir.

Mas é uma empreitada minha. Só minha.

Novamente, o silêncio reinou entre as duas mulheres até que, por fim, pararam diante de uma lápide de pedra. Sem dizer nada, Mia afastou-se de modo discreto, mantendo os olhos fixos em Susana.

— Fique à vontade. Acho que precisa de privacidade — disse.

Todavia, num gesto impensado, Susana segurou-a pelo braço.

— Fique — falou.

Mia meneou a cabeça, assentindo. Ainda assim, manteve-se alguns passos para trás, ao mesmo tempo que Susana se aproximava da sepultura.

O primeiro nome, escrito em letras góticas, indicava Jonas Elias Schunk. Seu pai. Logo abaixo, seguia outro nome: Patrizia Finkler Richter. Ele, falecido em 1971; ela, em 2006.

Imediatamente, Susana sentiu os olhos marejarem. Sabia que choraria quando, finalmente, estivesse diante do túmulo do pai. O que não sabia era o tamanho da dor que sentiria. Algo que lhe rasgava o peito e lhe subia pela garganta. Tinha vontade de gritar. Sobretudo, tinha vontade de perguntar *por quê?*

Havia tanto que gostaria de perguntar a Mia; tanta coisa que precisava saber sobre o homem ali enterrado — o *verdadeiro* homem, cujo real caráter jamais conhecera. Esse privilégio, o de ter um pai de verdade, fora-lhe tomado. Tomado e levado para bem longe; para a Alemanha, para Patrizia e para Mia. A ela, couberam apenas a dor e as perguntas.

Enxugou as lágrimas com a manga do casaco, mas, apesar dos esforços, elas continuavam a cair.

Seus lábios se moveram, dando espaço para as perguntas que, há anos, haviam se formado em sua alma. Contudo, nenhum som saiu. Somente um doloroso silêncio pairou naquele lugar de saudades e solidão.

Fazendo uso de toda a discrição germânica, Mia observava tudo, calada. Nenhum questionamento, nenhuma intervenção.

Quanto tempo ficaram ali? Susana nunca soube dizer ao certo. Apenas fechou os olhos e virou-se para Mia quando, finalmente, sentiu que era o momento de partir.

— Podemos ir — disse.

— Tem certeza? Digo, você fez esta viagem somente para estar aqui, conhecer onde Jonas estava enterrado. Não quer aproveitar o momento um pouco mais?

Susana negou, balançando a cabeça.

— Não, obrigada.

Mia assentiu, resignada.

— Você cuidou do túmulo dele mesmo antes de sua mãe morrer? — perguntou Susana.

— No início, era minha mãe quem vinha. Depois, quando ela ficou mais velha e as dificuldades de locomoção começaram, eu passei a vir com ela.

Susana murmurou novamente um agradecimento.

— Não precisa me agradecer. Fiz o que qualquer filha faria.

— Mas ele não era seu pai — disse Susana, limpando novamente as lágrimas que marejavam seus olhos.

— De fato, não era. Não conheci meu pai, mas Jonas era importante para minha mãe, e isso era *importante* para mim também.

Sim, Susana era capaz de compreender aquilo. Só não sabia por que o pai lhe privara a oportunidade de lhe dar esse carinho.

— Vamos — disse Susana. Não era uma afirmação, mas uma súplica. Por tantos anos desejara estar ali, naquele exato local, e, agora, tudo o que queria era fugir. Sair dali e pensar.

— Há um café aqui perto — disse Mia. — Podemos nos sentar lá. Acho que você vai querer conversar, deve ter muito que perguntar.

Ela tinha? Sim, de fato havia um punhado de perguntas sem respostas. No entanto, junto a cada pergunta, havia também o medo quase infantil de saber as respostas — respostas para as quais talvez não estivesse preparada.

— Não sei se realmente quero saber — ela falou, caminhando ao lado de Mia para fora do cemitério.

— Então, podemos apenas conversar — disse Mia, escancarando novamente o sorriso.

Como ela conseguia ser tão afável? Sobretudo com uma desconhecida?

Antes de passar pelo portão, Susana parou e virou-se para trás, tomada por uma sensação estranha e, ao mesmo tempo, familiar.

A sombra. Sim, ela estava ali, perseguindo-a, espreitando entre as lápides e folhagens secas do *Friedhof Ockershausen*.

— Está tudo bem? — perguntou Mia. — Quer ficar mais um pouco?

— Não — respondeu Susana, fechando o casaco. — Está tudo bem, podemos ir.

CAPÍTULO 3

NEUMARKT, ALEMANHA, 1933

— *Es isteine Schande!*⁴ — vociferou o pai, sob o olhar atento do jovem Jonas.

As explosões de contrariedade haviam se tornado constantes nos últimos meses, sobretudo nas primeiras horas do dia, quando Otto Schunk dedicava-se a ler a edição do *Berliner Tageblatt* enquanto aguardava o café da manhã.

Tipicamente, Otto era um homem de gestos educados, lapidados por bons estudos e uma formação sólida. Homem de espírito liberal acostumado a frequentar a alta sociedade de Neumarkt devido à posição que ocupava como diretor de banco, era fluente em oito idiomas e apaixonado por literatura e arte.

Seu pai, Joachim, avô de Jonas, havia sido o homem mais importante da região, responsável pela administração da cidade e fazendo jus a uma função que, até 1918, era praticamente hereditária — e, no caso, pertencia à família Schunk. Contudo, após a Grande Guerra e as reformas subsequentes, os Schunk haviam perdido prestígio político, mas nunca social. A Alemanha e o Império Austro-Húngaro haviam sofrido um duro golpe, e anos consecutivos de fortíssimas sanções econômicas mergulharam o país no caos. A partir daí, a nova realidade dos Schunk era conviver com

4. "É uma vergonha!"

uma posição econômica relativamente privilegiada, embora bastante distante do poder temporal que detiveram no passado.

Tampouco a Alemanha era a mesma; por todo o país, o desemprego causado pela crise econômica e pela inflação se alastrava como pólvora.

Otto era o oitavo filho e crescera em um mundo dividido em duas realidades distintas: o prestígio antes da guerra e o amargor de assistir aos tempos áureos da família e do país se dissolverem como manteiga ao fogo.

Todavia, Jonas nunca enxergara o pai como um homem apegado ao prestígio. Otto notoriamente era um burguês que cuidara bem de sua família e proporcionara estudo aos três filhos. Ainda que não usufríssem de luxo, tinham uma boa vida. Ou seja, não era necessariamente o *status* que causava os acessos de frustração matutinos no pai, mas, sim, a iminente fragmentação do país, a qual Otto projetava em alto e bom tom entre um gole e outro de café.

— Este país está um caos! É uma desgraça completa! — repetiu, balançando a cabeça e pousando a xícara sobre o pires.

Como Otto aparentemente havia desistido da leitura do *Berliner Tageblatt*, fora a vez de Dieter, o filho mais velho, puxar o jornal para si e fixar-se nas páginas de política.

— Leia, leia o que está aí! — bradou Otto ao filho mais velho. — Você já tem idade para entender o caos em que este país vai mergulhar em breve, Dieter. Você também, Jonas — dirigia-se ao filho do meio. — Estou ficando velho, mas o futuro pertence a vocês. Contudo, a política suja jogará a Alemanha na lama e não haverá futuro! Escrevam!

Ana aproximou-se da mesa, trazendo a assadeira com mais uma fornada de pãezinhos. Serviu Otto, Dieter, Jonas e o pequeno Michael (o caçula da família e primeiro filho da sua relação com Otto), depois sentou-se ao lado do marido.

Jonas sempre admirava o carinho com que Ana tratava não apenas o pai, mas ele e seus irmãos. Era a segunda esposa de Otto, com quem se

casara aos dezenove anos. A mãe de Jonas, Hilda, tinha abandonado a família e retornado para o Norte. Filha de um rico dono de pedreira, ela nunca perdoara Otto por ter orientado o pai a vender o negócio e aplicar o dinheiro no banco. Com a guerra e a instabilidade econômica, confiscos e turbulência política, a família de Hilda perdera tudo, e Otto tornara-se o bode expiatório ideal para assumir a culpa pela decadência de seu pai.

Ao final, o casamento foi à bancarrota, assim como boa parte das fortunas das famílias tradicionais alemãs. Quando tudo se tornou insustentável, Hilda deixou para trás o marido e os filhos e sumiu.

Mas, ao contrário do humor instável de Hilda, Ana era afável. Aquele tipo de mulher que, julgava Jonas, nunca sairia do lado do seu pai. Era fácil gostar dela.

— Você não deveria se exaltar assim — Ana advertiu, entornando um pouco mais de café na xícara do marido. — Por isso não gosto de política. Sempre acaba inflamando os humores das pessoas.

Otto fez um muxoxo e bebericou o café.

— Pois eu digo — prosseguiu, olhando para os filhos —, se os alemães que pensam um pouco não assumirem as rédeas deste país, estaremos condenados. Seja nas mãos dos comunistas, seja nas desse grupo de lunáticos que se auto intitulam nacionalistas. Dieter, Jonas... e você também, Michael. Ouçam: a Alemanha que vocês desejam deve ser construída com isto — Otto bateu na lateral da cabeça com o dedo indicador —, e não com isto — concluiu, brandindo os punhos cerrados.

Os filhos o encaravam com atenção. Particularmente para Jonas, os rompanes de crítica política do pai eram ao mesmo tempo divertidos e deliciosos. O jovem parecia ser o que melhor herdara o espírito liberal de Otto; lia muito, não fugia de debates com os amigos. No entanto, ao contrário do pai, não acreditava que somente massa cinzenta resolveria uma situação em que as vias de diálogo haviam se fechado. Às vezes, era necessária força bruta.

Não se envergonhava da fama de briguento que cultivara na escola após vários entreveros nos intervalos das aulas. Orgulhava-se de seu punho ter levado ao chão vários colegas, inclusive maiores e mais velhos.

Definitivamente, desaforo não era algo que se levava para casa.

— Brüning⁵ era um fraco e foi vencido pelo Parlamento. Acho que tudo piorou a partir daí. Com ele, a socialdemocracia e o PSDA⁶ degradingolaram neste país — Otto seguia falando, naquele instante, em tom quase professoral. Ora se dirigia a Ana, que parecia entediada, ora aos filhos. — Onde estavam com a cabeça para colocar no poder um moderado cristão sem tino algum para gestão política?! Foi como jogar carniça aos abutres. O silêncio do PSDA em prol da governabilidade também não ajudou!

Otto deu um longo suspiro e, em seguida, terminou o café.

— Tempos difíceis precisam de homens fortes. Caso contrário, as feras saem das jaulas. Estou me referindo a idiotas como Hitler e os comunistas; idiotas extremistas que arrastam suas hordas de frustrados para as ruas! E pior: tudo deu errado e hoje temos que aceitar uma raposa como Hindenburg⁷ e seu assecla von Papen⁸ para não entregar o poder a Hitler. E o que aconteceu? Hitler é chanceler! Chanceler!

— Não gosto de Hitler — Ana manifestou-se.

5. Heinrich Brüning, deputado e chanceler alemão pertencente ao Partido Socialdemocrata.

6. Sigla de Partido Socialdemocrata Alemão.

7. Paul von Hindenburg, militar e presidente alemão até a tomada definitiva do poder pelo Partido Nazista.

8. Barão Franz von Papen, chanceler escolhido por Hindenburg até ser substituído por Adolf Hitler. A história afirma que fora von Papen quem indicara Hitler a Hindenburg, sendo, posteriormente, afastado do poder com seus apoiadores da socialdemocracia. Deixou o governo após a Noite das Facas Longas (1934), episódio durante o qual os nazistas mataram algumas pessoas de sua confiança. Posteriormente, von Papen foi embaixador do *Reich* alemão em Viena e Ancara (Turquia).

— Ninguém *pode* gostar de Adolf Hitler, Ana! Ninguém em sã consciência! Mas lá está ele. Ano passado concorreu à presidência. Quem sabe o que irá conseguir no futuro?!

Ana suspirou. Nada parecia conter a verborragia política do marido. Exasperada, levantou-se, segurando Michael pela mão e dirigindo-se a Jonas e Dieter:

— Meninos, hora da escola — disse.

Em silêncio e arrastando as cadeiras, os irmãos se levantaram e se despediram.

Com as bicicletas, desceram os degraus da casa assobradada e chegaram até a rua. Como a maioria das cidades alemãs, Neumarkt guardava os resquícios da época em que era apenas um burgo (quando as primeiras edificações começaram a ser erguidas, no século XII) e, posteriormente, um vilarejo cravado no planalto de *Frankenjura*, região estrategicamente localizada entre os rios Danúbio e Main. Contudo, a presença das indústrias na porção sul da cidade começava a mudar gradativamente sua feição, trazendo ares da modernidade típica das cidades proletárias do país.

— O pai parece tão ingênuo quando fala de política pra gente — disse Jonas ao irmão, usando seu típico tom altivo.

— E você por um acaso entende mais do que ele? — Dieter ergueu o cenho e saltou sobre o selim.

— Não digo isso, mas gosto mais da ação — os pés de Jonas fizeram a catraca da bicicleta estrilar, levando-o rua abaixo.

— Você adora confusão — retrucou Dieter.

— Não sou um covarde como você — disse Jonas em tom jocoso.

— Ano que vem começo medicina e entro para o Exército. Não há um gesto de bravura maior do que esse, seu merdinha.

Conversas em tom áspero eram comuns entre os dois irmãos, mas isso não significava que não se gostassem. Jonas e Dieter, com a diferença de

dois anos — o primeiro com quinze e o segundo com dezessete —, foram a fortaleza um do outro quando a mãe abandonou a família e deixou o pai dilacerado. Todavia, notoriamente eram diferentes em tudo; o circunspecto e analítico Dieter, rapaz alto de pernas finas, era o oposto do baixo e atarracado Jonas.

Jonas também era, de longe, o mais bonito e acumulava paixões no colégio. Geralmente, o interesse das garotas não o estimulava além do simples prazer da conquista. Contudo, havia uma menina em particular a quem dedicava uma atenção especial.

Assim que chegaram ao portão da *Pfalzgraf Friedrich II Berufsschule*, desceram das bicicletas, empurrando-as até o local em que deveriam ser deixadas.

— Boa aula, merdinha — disse Dieter.

— Para você também, *Spätzle*.⁹

O apelido devia-se ao prato favorito de Dieter, que Ana preparava com esmero.

Após cumprimentar alguns colegas, Jonas uniu-se a Rolf e Casper, finalizando a gangue de briguentos, famosa por assegurar momentos de entretenimento e socos nos intervalos. Mais do que isso, eram amigos que compartilhavam a mesma pulsão pelo risco e pela ação.

A sala de aula dos três amigos ficava no terceiro e último andar do prédio secular que abrigava a *Pfalzgraf Friedrich II Berufsschule*. O piso e as carteiras de madeira conferiam ao ambiente um aspecto austero tipicamente germânico.

— Já volto — disse Jonas, afastando-se do grupo.

— Lá vai ele se engraçar com a Finkler — disse Casper, empurrando o ombro de Jonas.

9. *Spätzle* é o nome de um tipo de macarrão caseiro típico do sul da Alemanha.

— Cuide do seu nariz, Casper — respondeu Jonas. — E vê se não borra as calças na reunião de hoje à noite.

— Está confirmada mesmo? — perguntou Rolf, o mais alto dos três amigos.

— Está sim. Fiquei sabendo que marcarão a data para sairmos às ruas — disse Jonas, visivelmente excitado — Quero ver Casper se cagando quando estivermos nas ruas e a polícia chegar.

— Vá à merda, Jonas — murmurou Casper, levando a brincadeira a sério.

Dando de ombros, Jonas afastou-se dos amigos e aproximou-se da garota de cabelos loiros escuros, presos em dois rabos de cavalo nas laterais da cabeça.

Ao contrário de boa parte das colegas de classe, Patrícia Finkler não tinha um corpo de mulher adulta; nada de largos quadris, pernas torneadas ou seios que insistiam em se mostrar salientes debaixo das camisas brancas do uniforme. Era magra, esguia; um corpo de menina, mas com uma mente madura e astuta.

Seus olhos eram enigmáticos, e Jonas achava que isso se devia à cor — ora pareciam verdes, ora uma mescla de um tom esverdeado e castanho. Contudo, o que mais lhe chamava a atenção era a expressão do olhar de Patrícia.

A garota era capaz de dizer muito sem emitir uma única palavra. Bastava que lhe cravasse as pupilas grandes, emolduradas por cílios abundantes. Normalmente, era com o olhar que ela o advertia ao corrigir as tarefas desde que aceitara lhe dar aulas particulares.

Assim que o viu, Patrícia ergueu os olhos em sua direção e sorriu.

— Jonas — disse. — Estudou a matéria que passei anteontem?

— Posso dizer que sim — Jonas encolheu os ombros. — Ou que não. Dei uma olhadela, mas gramática ainda me parece um aborrecimento sem fim.

— É estranho ouvir isso de alguém que lê tanto — ela disse, tirando um caderno da mochila e colocando sobre a mesa.

— Gosto da prática, não da teoria — respondeu Jonas. — De todo modo, obrigado pelas aulas. Meu pai não cabe em si de ver o filho dele se esforçando para melhorar as notas.

— Amanhã estudaremos matemática — falou Patrizia.

— Então, devo me preparar para um inferno ainda maior — Jonas assobiou e sorriu. Tinha um charme natural que fazia com que Patrizia, a melhor aluna da sala, se sentisse misteriosamente atraída por aquele garoto truculento.

Os Finkler e os Schunk eram famílias que cultivavam boas relações, de modo que, quando as notas de Jonas despencaram, Otto não hesitou em pedir ao pai de Patrizia para que a menina ajudasse com aulas particulares.

Isso fora há quase um ano e meio. As notas de Jonas não haviam melhorado, mas uma relação especial entre ele e Patrizia havia, definitivamente, nascido.

— Mas o inferno de sexta-feira vale a pena se for para ver você — Jonas tocou de leve as costas da mão de Patrizia, que corou.

— Não caio na sua lábia, Jonas Schunk — ela disse, sorrindo.

— Não tive essa intenção — respondeu, dando de ombros.

Claro, ele tinha consciência de que estava mentindo. Em seu íntimo, suas intenções e sentimentos pela garota eram claros como água.

CAPÍTULO 4

O café parecia amargo. Amargo como seu humor. Um gole pequeno fora o suficiente para fazer seu estômago embrulhar. À sua frente, Mia terminava um bolinho de chocolate.

Deixara-se convencer por ela a entrar num café a algumas ruas do cemitério, mas já concluía que aquilo fora uma péssima ideia.

— Me fale — a voz de Mia a retirou dos pensamentos. — Me fale mais do Brasil.

— Bem diferente daqui. É um choque para uma mulher que nunca deixou o interior do estado viajar para a Alemanha.

— E é bom visitar as origens afinal? — Mia limpou os lábios com o guardanapo de papel.

— Não sei. Me sinto estranha — respondeu Susana, afastando a xícara de si. — Sonhei anos a fio em encontrar o túmulo do meu pai, e, agora que estou aqui, não sei se serviu para muita coisa.

A sombra continua a me perseguir, empoleirada sobre meus ombros como um abutre.

— Deve ter sido muito difícil para você — Mia disse, recostando-se na cadeira. — Digo, crescer longe do seu pai, sem saber o que houve.

Mia Richter definitivamente não sabia o que era dificuldade. Crescera ao lado de uma aparentemente amorosa mãe e, apesar de não ter tido pai, pôde usufruir da companhia de *seu* pai — um privilégio arrancado

dela. O humor oscilante da mãe Katrina tampouco ajudava; na verdade, prejudicava bastante.

Era impossível para aquela mulher compreender o que passara. Sucessivas rejeições, lutos, dias infindáveis de sacrifício e privação.

— Foi — respondeu Susana por fim.

— Eu sinto muito pela sua história. Muito mesmo.

— Não sinta. O que houve me fortaleceu, de todo modo. Hoje tenho um marido excelente e três filhos maravilhosos. Muito mais do que sonhei quando menina.

Mia pegou um guardanapo e pediu uma caneta ao garçom. Assim que o jovem atendente de origem croata lhe entregou a esferográfica, Mia escreveu um endereço no pedaço de papel.

— O que é? — perguntou Susana, olhando para a letra cursiva de caligrafia perfeita de Mia.

— Meu endereço. Moro no mesmo lugar, no mesmo apartamento em que vivi com minha mãe. Há muitas lembranças lá. Podem ajudar. Não sei. A decisão é sua, mas, se quiser conversar, será um prazer receber você.

Susana conferiu o endereço novamente: *Berliner Strasse, 4. N° 6.*

— Agradeço.

— É sério! Você ficará quanto tempo em Marburg?

— Me planejei para três dias. Depois, combinei de visitar alguns parentes do meu pai na região de Dortmund. São filhos do segundo casamento do meu avô.

Em suas investigações sobre o passado da família, descobrira os parentes do pai no norte da Alemanha. Assim como fizera com Mia, arriscara um contato e fora bem recebida. Os tios e primos nunca haviam tido notícias do ramo da família que nascera e crescera no Brasil.

Após algumas conversas por telefone, fora oficialmente convidada a visitá-los. No início, não enxergou como prioridade. Mas, agora, conhecer

os tios do segundo casamento do avô lhe parecia mais caloroso do que remexer no passado de seu pai.

— Então, terá tempo, se quiser!

— Vou pensar.

Mia sorriu.

— Estou aposentada. Não tenho muito que fazer senão regar as plantas e dar aulas particulares de piano a dois adolescentes que moram no mesmo conjunto de apartamentos.

— Muito obrigada — Susana guardou o endereço na bolsa.

Após Mia lhe dar as coordenadas para pegar o ônibus de volta à pensão, despediram-se com um abraço cordial.

Tão logo se viu em seu quarto, Susana sentou-se na beirada da cama e, então, rendeu-se às lágrimas. Quando o choro compulsivo cessou, caminhou até o guarda-roupa de madeira e, abrindo uma das portas, puxou para fora sua mala de viagem. Jogou-a sobre a cama, e tirou de dentro uma lata que, outrora, armazenara biscoitos. Naquele momento, contudo, guardava algo mais significativo.

Com a lata sobre o colo, retirou a tampa e remexeu o conteúdo. Cartas, telegramas, papéis, memórias.

Sentiu o choro recomeçar.

Quando tudo aquilo acabaria?

Seria uma boa ideia encontrar-se de novo com Mia?

Não sabia. Fechou a lata e deixou-a de lado, sobre o travesseiro.

Estava cansada. Precisava pensar. Mais do que isso, via-se diante de uma estrada bifurcada em que ambos os caminhos levariam à dor; manter-se na ignorância ou mergulhar na verdade.

Pouco depois das lágrimas começarem a rolar, adormeceu.